



## A Experiência dos Itinerários de Marta Paredes, Indígena E'ñepá, de Caruto: deslocamentos, territorialidades e reconfigurações identitárias entre as amazônicas venezuelana, brasileira e guianense

Marielys Briceño<sup>a</sup>  
Maxim Repetto<sup>b</sup>  
Márcia de Oliveira<sup>c</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga os deslocamentos forçados e a reconfiguração territorial e identitária do povo indígena E'ñepá da comunidade Caruto, analisando as suas trajetórias entre Venezuela, Brasil e a República Cooperativa da Guiana. A pesquisa adota o método da experiência dos itinerários (Petiteau 2006), adaptado ao contexto da mobilidade indígena transfronteiriça, centrando-se nas práticas de caminhar, falar e escutar como formas de produção de conhecimento situado. Pelo relato de Marta Paredes, mulher indígena E'ñepá, e dos dados produzidos na Oficina de Etnomapeamento, evidenciam-se as tensões vividas pelo grupo nos abrigos institucionais e as estratégias de resistência territorial e identitária desenvolvidas ao longo dos seus percursos. Ao conjugar memória coletiva, experiência sensível e território, o artigo propõe compreender o deslocamento dos E'ñepá como uma tessitura contínua de resistência, que entrelaça passado, presente e futuro, na busca por autonomia, dignidade e formas próprias de existir nos contextos de mobilidade forçada.

**Palavras-chave:** Deslocamento Indígena Internacional. Territorialidade. Identidade. Indígenas E'ñepá. Experiência dos Itinerários.

a Universidade Federal de Roraima. Doutoranda do Programa de Educação na Amazônia. Email: mariel\_bri@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0003-2048-6343>

b Universidade Federal de Roraima. Professor da Pós-graduação em Sociedades e Fronteiras e do Programa de Educação na Amazônia. Email: maxim.repetto@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0003-2898-9079>

c Universidade Federal de Roraima. Professora da Pós-graduação em Sociedades e Fronteiras. Email: marcia.oliveira@ufrr.br. <https://orcid.org/0000-0001-5511-0942>





**Figura 1** – Fotografia de Marta Paredes.  
Fonte: Fotografia de Derlane Paiva (2020).

A mobilidade internacional de indígenas vindos da Venezuela para o Brasil tem sido objeto de atenção da academia, de instituições estatais, de agências internacionais e de organizações da sociedade civil. Impulsionados por uma crise generalizada, mais de sete mil indígenas já chegaram ao Brasil, especialmente dos povos Warao e E'ñepá, em busca de proteção e melhores condições de vida (ACNUR, 2023). Essa mobilidade amplia os desafios político-culturais enfrentados por esses po-

vos, que há décadas vêm sendo deslocados dos seus territórios comunitários.

Entre esses grupos, destacam-se os E'ñepá, de Caruto, cuja trajetória de deslocamentos atravessa as fronteiras de seus territórios comunitários há mais de quarenta anos e produz reconfigurações significativas nos sentidos atribuídos ao território e à identidade. Este artigo analisa os deslocamentos de Marta Paredes, mulher indígena E'ñepá, e do seu grupo familiar entre Venezuela, Brasil e a República Cooperativa da Guiana, com ênfase na revisitação dos espaços, a partir da memória coletiva.

A pesquisa se insere nos estudos da mobilidade indígena internacional e, com base na perspectiva fenomenológica, articula os debates sobre território e identidade, com destaque para as formas de resistência em contextos de deslocamento.

Utilizamos o método da Experiência dos Itinerários (Petiteau, 2006; Reginensi, 2020), que propõe caminhar, falar e escutar como formas de produção de conhecimento. Como estabelece o método, acompanhamos Marta nos seus trajetos, registrando relatos, imagens e gestos para compreender como o grupo ressignifica os seus modos de vida nos territórios urbanos e fronteiriços.

Fundamentado em autores como Ingold (2015), Halbwachs (1990) e Freire (2004), o artigo reconhece o papel da memória, da experiência sensível do território e da escuta como dimensões centrais do conhecimento etnográfico. Neste percurso, estar junto não é neutro: exige posicionamento ético, abertura à experiência do outro e disposição para escutar com atenção e afeto.

O texto está estruturado em três partes: 1) os deslocamentos forçados e a reconfiguração territorial dos E'ñepá; 2) a metodologia da experiência dos itinerários e suas implicações epistemológicas e 3) os itinerários de Marta Paredes como expressão de resistência e construção de novas territorialidades. Ao final, são apresentadas as conclusões.

## **Deslocamentos forçados e reconfiguração territorial dos E'ñepá**

Os E'ñepá são um povo indígena originário da Sierra del Alto Cuchiveiro, localizada entre os estados Bolívar e Amazonas, na Venezuela. O grupo indígena E'ñepá pertence à família linguística Caribe, conforme apontam Mattei-Muller (2011) e Henley (2011), embora certas variações no seu léxico sejam explicadas por possíveis influências de línguas não caribes. A designação “E'ñepá” não é encontrada nas narrativas dos primeiros cronistas europeus nem nas descrições dos exploradores do rio Orinoco (Villalón 2007). Já o termo “Panare”, frequentemente associado a esse grupo, aparece em documentos históricos analisados por Henley (2011), que cita registros de 1940, com base nas descrições de Codazzi, publicadas, originalmente, em 1841 (Henley, 2011).

Eles foram se aldeando nas savanas situadas às margens dos rios Cuchivero, Guaniamo e Suapure. A sua territorialidade foi estruturada em torno das atividades sociais de coleta, pesca, agricultura e produção artesanal para uso próprio. No entanto, diversos fatores, em diferentes temporalidades, os levaram a deslocar-se progressivamente dos seus territórios comunitários e a reconfigurar as suas práticas como estratégia de resistência (Villalón, 2007; Henley, 2011; Mattei-Muller, 2011; Briceño, 2022).

Dentre os diferentes grupos, encontramos os E'ñepá, de Caruto. À época da realização da pesquisa, este grupo, composto por, aproximadamente, 170 pessoas, localizava-se no Abrigo Jardim Floresta, na cidade de Boa Vista, estado de Roraima/Brasil. Conforme os seus relatos, são originários da Comunidade Indígena Caño Amarillo, localizado nas margens do rio Guaniamo, tendo se estabelecido, com o passar dos anos, às margens do rio Orinoco, próximo da capital do estado Bolívar, Caicara del Orinoco, em uma região de solos férteis e abundante pesca (Briceño, 2022).

Os E'ñepá, de Caruto, iniciaram os seus deslocamentos forçados em meados da década de 1970, pelo processo de reassentamento, organizado pelo arcebispo de Caicara del Orinoco, Monsenhor Crisanto Mata Cova, com o argumento de proteger os indígenas dos conflitos com fazendeiros pelas terras próximas ao rio Orinoco (conforme os relatos dos indígenas E'ñepá, de Caruto, na Oficina de Etnomapa e Mapas da Mobilidade Indígena E'ñepá, de Caruto, em Boa Vista, em março de 2021).

O reassentamento na Comunidade Indígena Perro de Agua, junto a outros E'ñepá e em desacordo com as suas formas tradicionais de organização política, gerou conflitos e levou à fundação de Caruto, à margem esquerda do rio Guaniamo, na paróquia Guaniamo, estado Bolívar/Venezuela. Posteriormente, novos deslocamentos foram vivenciados, impulsionados pela intensificação da extração de diamantes, pelo aumento da disputa por recursos alimentares e pela contaminação do rio Guaniamo, em um contexto de políticas estatais favoráveis ao desenvolvimento econômico da região.

Briceño (2022) contextualiza esse processo desde as saídas eventuais dos homens de Caruto para Caicara del Orinoco, com o objetivo de vender artesanato, até os deslocamentos para o Brasil e para a cidade de Lethem, na República Cooperativa da Guiana, destacando que esses últimos trajetos foram liderados pelas mulheres do grupo.

Nesta pesquisa, a autora identifica três pontos de inflexão: o primeiro ocorreu durante o segundo governo de Carlos Andrés Pérez (1989-1993), quando o aumento do preço da gasolina e as dificuldades logísticas para ir e voltar de Caicara afetaram diretamente a circulação dos produtos agrícolas provenientes das roças e o transporte das volumosas cestas de *wapa*. Essas mudanças forçaram o grupo a adotar novas estratégias de produção e comercialização dos seus artesanatos, priorizando peças menores e mais fáceis de transportar.

O segundo ponto de inflexão ocorre na primeira década dos anos 2000, com a valorização do petróleo e o fortalecimento de políticas de reconhecimento étnico promovidas pela Constituição de 1999, que impulsionaram o acesso a mercados e fortaleceram os processos de afirmação identitária, permitindo ao grupo expandir a venda dos seus produtos artesanais em âmbito nacional.

Já o terceiro e mais recente ponto de inflexão ocorre a partir de 2016, com o agravamento da crise política, econômica e social no país, que resultou na escassez de dinheiro em espécie. Esse cenário levou os E'ñepá a considerar e realizar deslocamentos internacionais, ampliando os seus circuitos de venda de artesanato para além das fronteiras da Venezuela.

Assim, nesta pesquisa, o deslocamento é compreendido não apenas como um ato físico de transitar entre lugares, mas como um processo multiterritorial, que envolve dimensões sociais, políticas, econômicas e afetivas. Essa perspectiva está em consonância com autores como Ingold (2015), para quem deslocar-se é também uma forma de conhecer e construir relações com o espaço, e Petiteau (2006), que propõe a experiência do itinerário como método de ativação da memória na vivência territorial.

No caso dos E'ñepá, os deslocamentos, sempre forçados, expressam também estratégias de resistência frente às imposições do sistema de acolhimento e políticas de securitização (Briceño 2022), permitindo a reconfiguração das suas territorialidades, o fortalecimento de vínculos comunitários e a reelaboração de práticas culturais, como a produção e a venda de artesanato, que sustentam a sua identidade coletiva e a adoção de estratégias de negociação com o estado, organizações da sociedade civil e agências internacionais. Dessa forma, o deslocamento é também um modo de habitar o mundo em movimento, em constante negociação entre o passado vivido, o presente experienciado e o futuro desejado.

A noção de território aqui adotada se aproxima da ideia de “território comunitário” elaborada por Jorge Gasché (2012), que vai além de uma delimitação física ou geopolítica. Trata-se de um espaço relacional e simbólico, construído a partir das práticas sociais, do uso dos recursos naturais e da memória coletiva. O território comunitário é um espaço vivido, organizado de forma autônoma pela própria comunidade, com base nas relações de solidariedade, reciprocidade e pertencimento. Nos deslocamentos e acampamentos dos E’ñepá, percebe-se a tentativa de reconstruir esses territórios, mesmo que precariamente, em contextos urbanos, extra-urbanos e transfronteiriços, mantendo práticas como a coleta de sementes, a preparação de alimentos e a transmissão de saberes, que garantem a continuidade da vida comunitária e o enraizamento cultural.

A categoria identidade é compreendida, com base em Fredrik Barth (1969), não como uma essência fixa ou determinada por atributos culturais estáticos, mas como um processo dinâmico de marcação de fronteiras sociais. Para Barth, o que define um grupo étnico não são suas características internas homogêneas, mas os limites que ele estabelece em relação aos outros. Assim, a identidade étnica é construída e mantida na interação com o outro, sendo constantemente negociada e reafirmada.

As práticas cotidianas dos E’ñepá, como os seus relatos sobre os deslocamentos e as suas estratégias de resistência, são todas formas de afirmação identitária, diante das pressões do sistema de acolhimento e da convivência com outros grupos indígenas, agentes estatais e organizações humanitárias. A identidade se atualiza em cada território, sendo simultaneamente ancorada na memória coletiva e nos vínculos com o grupo.

Dessa forma, vemos que o processo migratório internacional dos E’ñepá, de Caruto, ocorre em múltiplas temporalidades e territorialidades e implica reconfigurações identitárias como estratégias para a reprodução social do grupo.

## A experiência dos itinerários como método de produção de conhecimento

A pesquisa foi orientada pelo método da Experiência dos Itinerários, desenvolvido pelo sociólogo francês Jean-Yves Petiteau (2006, 2022), como uma forma de conhecimento sensível dos territórios, a partir de três ações: caminhar, falar e escutar. Em oposição às abordagens distanciadas e descritivas dos espaços, o método propõe o envolvimento direto com os trajetos dos sujeitos, permitindo que o relato do deslocamento surja não apenas como narrativa, mas como vivência atualizada, marcada pelos sentidos do corpo em movimento.

Na prática, isso significou acompanhar a interlocutora em um percurso significativo para ela, de modo que, ao caminhar, as suas memórias foram acionadas, conectando passado e presente, revelando os seus modos de habitar e de significar o espaço. Acompanhá-la por esse itinerário foi mais do que mapear rotas: foi construir uma cartografia subjetiva da experiência, na qual corpo, território e relato se entrelaçavam.

Como afirma Petiteau (2006), trata-se de captar a “memória involuntária”, que emerge ao revisitar um lugar: um saber que não é produzido apenas pelo discurso, mas pela encenação do trajeto. Essa memória sensível é ativada por sensações presentes, que ressoam com experiências anteriores, atualizando fragmentos do passado pelo corpo, da paisagem e do movimento.

Realizaram-se caminhadas por lugares-chave da experiência de deslocamento de Marta, incluindo o abrigo da Operação Acolhida Jardim Floresta, pontos de venda de artesanato, ruas e espaços de moradia no Lethem. O uso de imagens, mapas e registros visuais articulou o percurso narrativo a uma dimensão cartográfica, elaborada previamente na Oficina de Etnomapeamento da mobilidade E'ñepá, de Caruto.

A proposta metodológica não visou observar nem falar “sobre” os sujeitos, mas caminhar “com” eles, reconhecendo os co-

nhecimentos situados que emergem da experiência vivida: do modo como se deslocam, o que sentem e o que carregam física e simbolicamente. Nesse sentido, o método ultrapassou a função instrumental de coleta de dados, operando como forma de análise antropológica e expressão do engajamento político-ético do grupo.

Como reforça Catherine Reginensi (2020), que tem utilizado o método de Petiteau no Brasil, trata-se de transformar a caminhada em uma escuta atenta e profunda, uma aproximação ético-estética da vida urbana e periférica que, no caso desta pesquisa, ampliou-se à vida em mobilidade transfronteiriça.

### **Itinerários da memória e da migração: relato de marta paredes**

A pesquisa teve início no Abrigo Jardim Floresta, em Boa Vista, em que Marta Paredes, de 37 anos de idade, residia com a sua família desde sua realocação da ocupação espontânea de *Ka Ubanoko*, em janeiro de 2021. Esse foi o segundo abrigo oficial de Marta desde a sua chegada ao Brasil, no ano de 2018.

Encontramo-nos com Marta no dia 20 de março de 2021, na entrada do Abrigo Jardim Floresta, localizado na Avenida Carlos Pereira de Melo, em Boa Vista. O abrigo integra a política de acolhimento do governo brasileiro e, à época, era gerido pela organização não governamental Associação Voluntários para o Serviço Internacional - Brasil (AVSI-Brasil), em parceria com a Operação Acolhida e as Forças Armadas.

De acordo com o ACNUR, “*El objetivo primordial de los campos de refugiados es facilitar atención y acogida de forma temporal; sin embargo, la gran mayoría de los refugiados permanece en ellos durante años*” (ACNUR, 2018). Essa realidade se reflete no cotidiano do Abrigo Jardim Floresta, ilustrado na Figura 2.

Conforme combinado, chegamos ao abrigo às 7h30 e, após uma breve espera, seguimos para o terminal, onde iniciamos a imersão no universo de experiências de Marta. Ela finalizou a

assinatura da documentação como condição para poder sair do Abrigo e seguimos para o primeiro destino por ela indicado: o Terminal de Taxis de Caimbé, localizado na Av. dos Imigrantes, 1612, Buritis, Município Boa Vista, estado de Roraima-Brasil.



**Figura 2** - Cartografia do itinerário com a Marta Paredes, entre o Abrigo Jardim Floresta e o Terminal de Taxis de Caimbé. Nota: Ponto “0” Abrigo Jardim Floresta - Ponto “1” Taxis Caimbé /Itermunicipal. Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).

Durante este trajeto, Marta comentou:

*Nosotros llegamos primero, poco a poco, desde Ciudad Bolívar para El Callao, de Caicara para Bolívar y estuvimos en Bolívar un tiempo. Nosotros comenzamos a hacer nuestras artesanías, llegamos para El Callao y los otros E'ñepá también comenzaron a viajar para El Callao y comenzaron a regresar cuando ya habían vendido su artesanía, así como las flechas y los collares. También llegaron los E'ñepá, viajaron para Santa Elena, y también vieron que en Santa Elena se vendía artesanía; los E'ñepá no sabían que ahí se podía vender. Luego mi mamá comenzó a viajar para Santa Elena. Anteriormente, mi mamá no conocía Santa Elena y comenzó a traer sus cosas, vender sus collares y dormir tres días allá en Santa Elena, buscando un sitio donde dormir pagando hotel<sup>1</sup>.*

A proposta metodológica não foi seguir uma linearidade dos eventos de deslocamento, mas permitir que Marta os organizasse a partir dos seus próprios marcos simbólicos. O Terminal do Caimbé, por exemplo, é evocado como ponto inaugural do deslocamento do grupo e, como veremos, *Lethem*, na Guiana, representa a esperança de autonomia futura. Cada parada no itinerário não é apenas um espaço, mas um dispositivo narrativo e relacional: um modo de contar o mundo.



Figura 3 - Terminal de Taxis de Caimbé/ Intermunicipal. Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).

O Terminal de Táxis do Caimbé, apresentado na Figura 2, revelou-se um ponto de interesse no nosso itinerário. Ali, Marta Paredes e a sua “Unidade de Grupo Fogão”, composta por Ignacio, o seu esposo e pelos seus filhos Renato e Wamor, compartilhou conosco as experiências da sua mãe, Juana Castillo Argote, e da sua prima Sara Gando. Esse local se tornou um ponto de convergência de diversas histórias de vida, entrelaçando-se com os relatos de Sara Gando e Alberto Conejero (Briceño, 2022). Neste relato, também podemos observar que são as mulheres as pioneiras nesses novos cenários de deslocamento<sup>2</sup>.

*Mi mamá llegó al terminal y durmió allí un día para volver a Venezuela después de vender toda su artesanía. Así los otros E'ñepá comenzaron a escuchar que se vendía la artesiana y también comenzaron a viajar. Vendieron sus cosas, llegaron cinco personas a Boa Vista, trajeron su artesanía, flechas, collares, bambo, entre otros, trajeron también orquídeas. Los brasileiros vieron que ellos eran indígenas, y como vieron que era artesanía indígena, comenzaron a comprar<sup>3</sup>.*

A mobilidade internacional da família de Marta teve início com as viagens da sua mãe, Juana Castillo Argote, para Santa Elena de Uairén. Ao visitarmos o Terminal de Transporte do Caimbé, Marta Paredes nos conduziu a um local que carregava consigo as memórias e as esperanças da sua comunidade. Foi ali que a matriarca e Sara Gando iniciaram seus trajetos no Brasil, em busca de novas oportunidades. Esse espaço, que outrora era apenas um ponto de partida para viagens incertas, transformou-se em um marco referencial na experiência da família de Marta, simbolizando a força e a resiliência do seu povo.

Foram as dificuldades enfrentadas na Venezuela as que impulsionaram Juana a buscar novas oportunidades no Brasil, em que as vendas dos seus artesanatos eram mais promissoras. As suas experiências pioneiras inspiraram outros membros da comunidade, que, encorajados pelo seu sucesso, também iniciaram os seus deslocamentos.



Figura 4 - Lugar de pernoute de Juana Castillo e do seu grupo no Terminal de Taxis, de Caimbé. Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).

O percurso demonstrou que esses espaços não são vazios, como mostra a Figura 3, mas intersticiais (Green, 2019), ou seja, espaços entremeados e ressignificados pelas vivências de resistência cotidianas. Tais vivências se intensificam em contextos cada vez mais precários, como evidenciado ao longo da pesquisa.

Realizamos essa abordagem teórico-metodológica pelo método etnográfico da escuta atenta da experiência revisitada do território, conforme propõe Ingold (2015), para quem o conhecimento se constitui como um engajamento atento e responsivo com o outro, mais do que na aplicação de métodos sobre um objeto. O percurso etnográfico, nesse sentido, se constrói no entrelaçamento entre presença, atenção e deslocamento, em uma abertura radical à experiência do outro (Ingold, 2015). Em diálogo com Paulo Freire (2004), vimos que escutar é mais do que ouvir: é acolher o outro na sua inteireza. Nesse sentido, isso se constitui como um ato político de reconhecimento da sua existência, conhecimentos e modos de ser.

Inicialmente, os E'ñepá, assim como os Warao, realizavam viagens curtas para comercializar os seus artesanatos, retornando à Venezuela em seguida. No entanto, com a intensificação da crise no seu país, muitos optaram por permanecer no Brasil (Moreira, 2018), aproveitando a oportunidade de acolhida e regularização migratória implementada no marco da Operação Acholida.

*Regresaron a Venezuela y, como vieron que la situación seguía igual, volvieron a Brasil y después comenzaron a venir. Todos los E'ñepá tramitaron su documentación. Los E'ñepá llegan al terminal de aquí y la policía les pregunta: "¿quiénes eran ellos?" y respondieron que eran indígenas E'ñepá. Les preguntaron, "¿cómo habían llegado?" y les respondieron que vinieron por la situación del país, que en Venezuela no era buena. Sí, vienen para acá con sus permisos y documentación para movilizarse sin problema<sup>4</sup>.*

Marta chegou ao Brasil em 2018, com o objetivo de acompanhar a sua irmã durante a gravidez. A sua intenção inicial era retornar à Venezuela após o nascimento do bebê, mas, diante de complicações da saúde da sua irmã, optou por permanecer no Abrigo Pintolândia, ao lado dos seus parentes. A decisão de ficar foi motivada pela necessidade de acesso aos cuidados médicos para as crianças e pela oportunidade de regularização da documentação.

Localizado na região oeste de Boa Vista, o Abrigo Pintolândia se tornou um espaço de acolhimento para Marta e a sua unidade de grupo fogão, logo após a sua chegada ao país. Inicialmente, o Abrigo recebia tanto indígenas quanto não indígenas. Com o tempo, passou a atender exclusivamente à população indígena venezuelana, tentando-se adaptar às demandas específicas desse grupo.

*Comenzaron a construir el abrigo en el año 2018 y de ahí los llevaron del terminal al abrigo de Pintolândia a todos y ahí los brasileiros deciden sacar a los criollos del abrigo para meter a todos los E'ñepá que estaban en el terminal; a los criollos los llevaron para otro lugar. Después comenzaron a llegar mis familiares al abrigo también. Pri-*

*mero llegaron mis padres y otros familiares, yo llego en 2018 al abrigo de Pintolândia<sup>5</sup>.*

Após permanecerem no Abrigo Pintolândia, Marta e o grupo indígena E'ñepá, de Caruto, optaram por estabelecer-se na ocupação espontânea de Ka Ubanoko, no final de 2020. A decisão foi motivada pela busca de um espaço que proporcionasse maior autonomia e a possibilidade de manter laços mais estreitos com os seus parentes. No entanto, em janeiro de 2021, todos os E'ñepá, juntamente com os Warao e Kariña, foram realocados, em meio às críticas às políticas de acolhimento, marcadas por processos de securitização, denúncias de maus-tratos e uso excessivo de recursos na gestão, sem que isso representasse melhorias nas condições de acolhida dos abrigados (Briceño; Repetto; Oliveira, 2024a).

*Muchos indígenas E'ñepá, Warao, y también criollos<sup>6</sup> se vinieron de Venezuela directamente para Ka Ubanoko. Hicieron fiestas, nosotros también fuimos para esas fiestas. Nosotros no queríamos ir para el abrigo, queríamos quedarnos en Ka Ubanoko, porque teníamos más libertad, ahí había matas de mango, teníamos tierra, queríamos estar juntos. Ahí nosotros conocimos instituciones que comenzaron a visitarnos también<sup>7</sup>.*

Em contraposição, as normas estabelecidas no abrigo impactavam diretamente a organização tradicional dos grupos, restringindo a sua autonomia e liberdade. Além disso, dificuldades relacionadas à saída do abrigo para a comercialização de artesanatos limitavam suas possibilidades de geração de renda. A incerteza quanto ao futuro, agravada pelo risco de fechamento do abrigo e pela possível transferência para um espaço próximo às comunidades não indígenas, gerava preocupação dentro do grupo (Briceño 2022).

*De Ka Ubanoko nos llevaron al abrigo Jardín Floresta y vimos la situación en el abrigo, que no era lo mismo. Los E'ñepá llegamos a Rorainópolis, pero el terreno ya tenía dueño y nos sacaron de allí y nos*

*tuvimos que regresar todos de nuevo para el refugio; 5 meses duramos en Rorainópolis y regresamos para el abrigo Jardín Floresta. Cuando salimos de Rorainópolis pensamos en salir en busca de mejoría, ahí fue cuando decidimos venir al Lethem, para buscar nuestro espacio. Yo escuché que la situación en el abrigo ya no era igual, que iban a trasladar a las personas para el abrigo en Ptrig, pero yo escuché que ahí no es buen ambiente para los E'ñepá, porque hay muchos malandros, que se meten con las mujeres y se han perdido niños. Si nos trasladan para allá, nos pueden hacer cosas malas, se pueden robar nuestros niños y los E'ñepá no van a tener buena vida ahí, sino puro problema. Por eso es que yo prefiero quedarme en el Lethem*<sup>8</sup>.

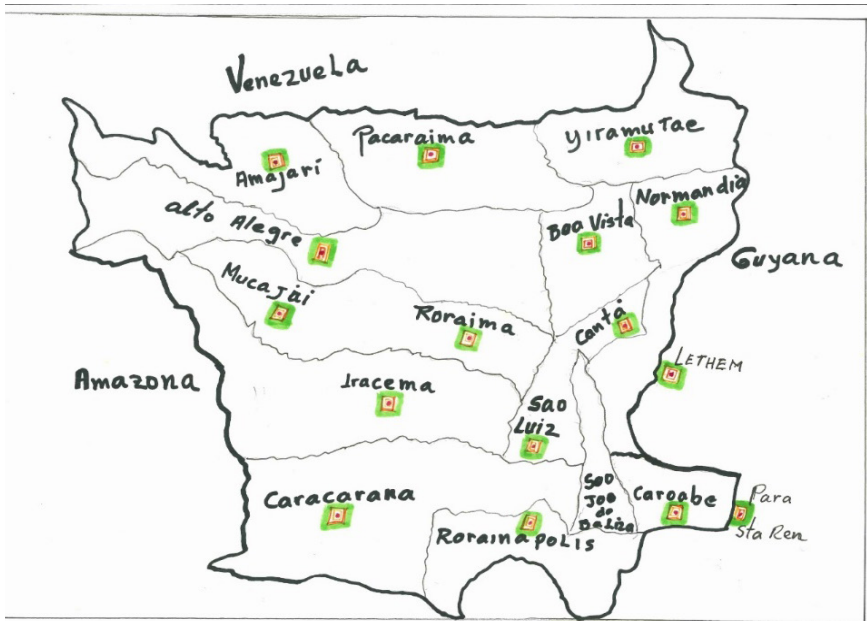
Nesse contexto, o deslocamento do grupo em direção à cidade de Lethem pode ser compreendido como uma resposta coletiva à ausência de condições dignas de permanência e à busca por maior autonomia e respeito aos seus modos próprios de vida.

Percorremos os 133 km até a cidade fronteiriça de Bonfim em apenas 1h36. Durante a viagem, Marta compartilhou detalhes sobre a forma como ela e o seu grupo se deslocavam entre diferentes localidades para comercializar os seus artesanatos. Esse padrão de mobilidade, impulsionado pela necessidade de venda, reflete as experiências narradas por Sara Gando e Alberto Conejero (Briceño, 2022), assim como as representações presentes nos desenhos cartográficos produzidos por Alberto Conejero, a partir dos relatos registrados na Oficina de Elaboração do Etnomapa e dos mapas da mobilidade E'ñepá, de Caruto (Briceño, 2022; Briceño; Repetto; Oliveira, 2024b).

Na Ilustração 1, apresentamos um desses mapas, que ilustra os deslocamentos do grupo entre diversos municípios de Roraima e a cidade de Lethem, ressaltando o papel central da comercialização de artesanatos na definição das suas rotas de deslocamento.

Ao chegarmos à cidade de Bonfim, na fronteira com a Guiana, em um tranquilo domingo, encontramos a cidade quase deserta. Marta nos contou que o ponto de ônibus servia como local de encontro para aqueles que seguiam viagem

rumo a Lethem, na Guiana. A Figura 4, a seguir, ilustra a passagem pelos postos de controle migratório do Brasil e da República Cooperativa da Guiana.



**Ilustração 1** - Desenho do mapa cultural indicando os locais percorridos entre o Brasil e a República Cooperativa da Guiana.  
Fonte: Desenho de Alberto Conejero (2021).

Nesta passagem, segundo Marta, nem ela nem os demais membros do grupo haviam enfrentado discriminação ou abordagens arbitrárias por parte das autoridades, o que tornava o deslocamento mais acessível e seguro. Ao chegarmos à cidade de Lethem, descarregamos as malas e seguimos para o restaurante anexo ao posto de gasolina Lammy Gas Station, onde almoçamos.



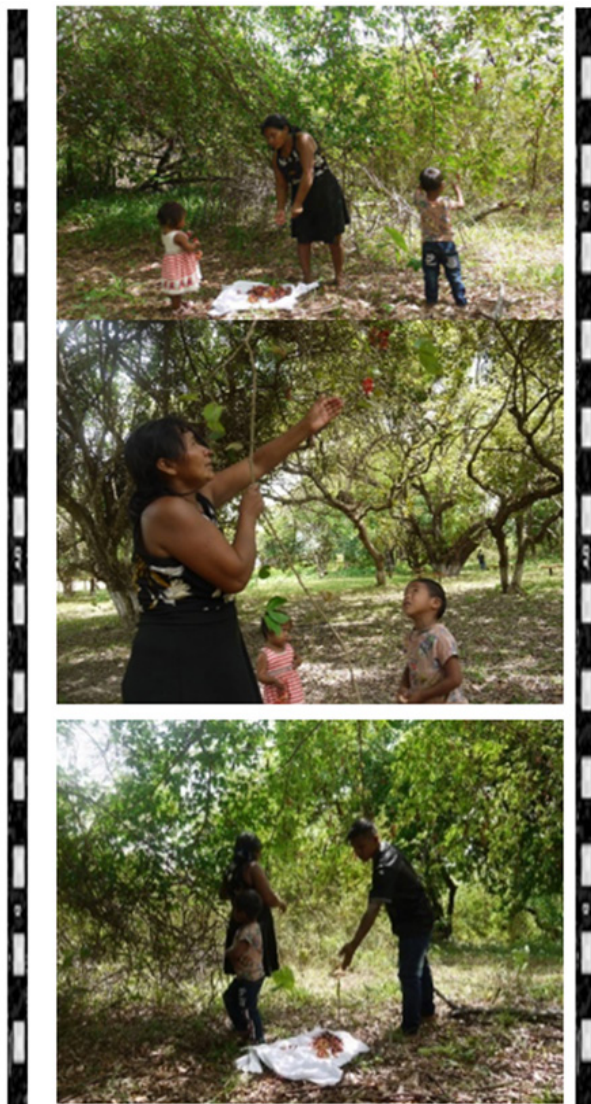
**Figura 5** - Passagem das Fronteiras entre o Brasil e a República Cooperativa da Guiana.Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).



**Figura 6** - Parada para almoçar na *Lammy Gas Station*.  
Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).

Em seguida, seguimos até as margens do rio Tacutu, onde Marta e o seu grupo recolheram sementes utilizadas na confecção de seus artesanatos, prática recorrente entre os membros da comunidade.

Figura 7 - Itinerário entre a *Lammy Gas Station* e o *Cashew Grove Park*.  
Nota: Ponto “3” *Pon Lammy Gas Station, Kthem* e Ponto “4” *Cashew Grove Park*.  
Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).



Segundo Marta, a escassez dessas sementes em Boa Vista contrastava com a maior disponibilidade encontrada em Lethem, embora ainda inferior à abundância registrada em Maripa, um dos diversos locais de deslocamento na Venezuela (Briceño, 2022). Essa diferença na oferta de recursos naturais evidencia a importância do território na produção artesanal do grupo.

Nas lembranças evocadas por Marta e pelo seu esposo, Ignacio, o passado não permanece fixo, mas é continuamente reatualizado a partir das experiências do presente. Como argumenta Maurice Halbwachs (1990), a memória individual está profundamente ancorada em marcos coletivos, sendo sustentada e ressignificada pelas interações no interior do grupo. Essas memórias compartilhadas ganham ainda mais força em contextos de vínculos parentais e de pertencimento identitário, como é o caso dos E'ñepá. Essas expressões coletivas não apenas mantêm vivo o passado, mas também operam como ferramentas de construção da realidade social, conectando o vivido ao imaginado, entrelaçando-o ao que já foi, com o que se deseja ou projeta.

A coleta de sementes às margens do rio Tacutu exemplifica como o grupo se adapta às novas condições no Lethem, mobilizando saberes e práticas comunitárias em territórios distintos. Ainda que não encontrem os mesmos recursos disponíveis em Maripa, Marta e os E'ñepá desenvolvem estratégias para dar continuidade à produção artesanal, como já fizeram em outros contextos de deslocamento, ressignificando o território com base na sua memória coletiva (Briceño, 2022). Essa prática revela, portanto, como a identidade E'ñepá e a memória coletiva atuam conjuntamente, na construção de novas territorialidades.

Durante esse trajeto, Marta comentou que as restrições impostas pelo abrigo delimitavam o tempo permitido para a saída com fins de vender os seus artesanatos, constituindo um obstáculo à autonomia do seu grupo. Diante desse desafio, e movidos pelo desejo de garantir um futuro melhor para os seus filhos,

eles passaram a buscar alternativas que proporcionassem maior liberdade e independência, avaliando a possibilidade de estabelecer residência fora dos abrigos. No trecho a seguir, da sua fala, podemos perceber essas limitações:

*La situación en Brasil comenzó a cambiar también; ya no hay mucha venta como antes. Los niños no estudian bien; se ven cosas feas dentro del abrigo, problemas, peleas y discusiones, y los niños ven todo eso. Por eso salimos para para Rorainópolis y el Lethem en busca de mejoría. Mis padres se preocupan mucho; ellos me preguntan: “¿Qué voy a hacer si ellos se mueren?, ¿dónde voy a vivir con mis hijos?”. Por eso estoy buscando un lugar, antes de que eso suceda. Mis padres no se quieren regresar para Venezuela, porque la tierra en Caruto ya no es buena para sembrar, ya no se cosecha allá, la tierra ya no sirve, ya no hay cacería, ni pesca, ya no hay nada<sup>9</sup>.*

A escuta profunda, como sugerido por Freire (2004), foi adotada ao longo do itinerário como uma postura atenta e crítica, voltada a captar as nuances e subjetividades presentes no relato de Marta. Esse processo possibilitou uma compreensão mais aprofundada da complexidade envolvida na mobilidade humana, incluindo o desejo de maior autonomia, que abrange a liberdade e o amor-próprio dos E'ñepá, como referido por Henley (2011).

O contraste entre a necessidade de liberdade e as normas impostas pelo abrigo colocou Marta e a sua comunidade diante de um cenário desafiador, levando-os a optar pela saída do abrigo em busca de condições mais dignas de vida e de um futuro mais promissor.

*Nosotros nos salimos del abrigo Jardín Foresta por la misma situación, porque ya los niños no podían vivir bien. Nosotros nos salimos por los niños, porque el espacio era muy pequeño, no tenían donde jugar, divertirse y distraerse. Mi mamá siempre me pide que consiga un sitio, por eso quiero hablar con una institución para que nos ayude a conseguir terreno para los E'ñepá, para nuestros hijos, para estar bien. Somos muchos, en Ka Ubanoko estuvimos 170 E'ñepá. Yo tengo hijos y otros están naciendo y no tenemos un terreno propio donde vivir y que nuestros hijos crezcan<sup>11</sup>.*

A permanência forçada reflete a complexidade da situação enfrentada pelos E'ñepá, que, diante da crise contínua na Venezuela, não vislumbram a possibilidade de retorno aos seus territórios de origem. Ao mesmo tempo, a ausência de políticas públicas pertinentes, como a integração no Brasil, mantém a comunidade em uma condição de incerteza e instabilidade permanentes.

*Estamos viendo los abrigos y no tienen espacio para un futuro de familia. Nosotros salimos de los abrigos por ahí a vender y no, no se consigue mucho. ¿Qué digo, sino que los abrigos son para esperar? Para mí, para mí no me gusta eso. ¿Cómo voy yo a hacer para el futuro de los niños? Y por eso nosotros queremos salir ahora, para que no se pierda la enseñanza de eso, la del pasado, de la cultura. Los abrigos no tienen el espacio para eso<sup>10</sup>.*

Assim, ao relatar a sua experiência, Marta revela como os abrigos, concebidos para oferecer acolhimento temporário, perpetuaram-se, sem oferecer soluções mais condizentes com os modos de vida dos povos indígenas.

Seguimos o itinerário e, após uma caminhada, chegamos ao local que o grupo chama de *El Campamento*, ilustrado na Figura 8. Durante o percurso, Marta explicou que esse trajeto é sempre realizado a pé e que a venda dos seus produtos ocorre tanto na cidade quanto em comunidades mais distantes, especialmente nos dias de feiras comunitárias.

Ao chegarmos, Marta e o seu grupo descarregaram os seus pertences e seguimos em direção ao acampamento. Enquanto caminhávamos pelo *Campamento*, presenciamos uma discussão entre alguns jovens. Para a nossa surpresa, um dos mediadores da conversa era alguém já conhecido: o senhor Raúl Paredes, pai de Marta. Também reencontramos um casal com uma criança pequena, recém-chegados ao acampamento no dia anterior. Tratava-se da irmã mais jovem de Marta e do seu esposo, com quem havíamos conversado ainda no Abrigo Jardim Floresta.



**Figura 8 - El  
Campamento.**  
Nota: Ponto “8”  
Cashew Grove Park  
e Ponto “5” El  
Campamento.  
Fonte: Fotografia  
de José Belisário  
(2021).

Durante a conversa, os jovens compartilharam suas experiências e explicaram que, apesar das condições precárias, consideravam aquele espaço mais apropriado para os seus parentes. Eles destacaram a possibilidade de preparar seus próprios alimentos e, sobretudo, a decisão de deixar o abrigo como forma de garantir melhores condições para os seus filhos.

Conversar com o senhor Raúl Paredes não foi uma tarefa simples. Enquanto aguardávamos uma resposta, percebíamos certa resistência da sua parte. Por isso, optamos por uma abordagem discreta, priorizando a escuta atenta e respeitosa. Quando finalmente aceitou conversar, outras filhas e parentes logo se aproximaram. Marta e o seu pai eram os responsáveis pela busca de terras para o grupo no país vizinho.

Determinados a não retornar aos abrigos, compartilhavam o sentimento de que esses espaços não atendiam às necessidades da sua comunidade. Para eles, a possibilidade de cozinhar os seus próprios alimentos e garantir uma nutrição adequada para as crianças era uma necessidade. Além disso, eles preferiam manter certa distância de outros grupos indígenas, a fim de evitar conflitos, e rejeitavam viver em abrigos próximos a populações não indígenas (Raúl Paredes, 70 anos, Lethem, março de 2021).

Na ocasião, o senhor Raúl trabalhava na confecção de arcos e flechas para a venda. A sua esposa, Juana Argote, e a sua cunhada, Sara Argote, mãe de Sara Gando, ambas idosas, dedicavam-se à venda de artesanatos nas ruas da cidade, naquele domingo, por volta das três da tarde.

Durante a pesquisa de mestrado, observamos que as atividades tradicionalmente exercidas pelas mulheres E'ñepá foram ressignificadas no contexto dos deslocamentos. De coletoras, tornaram-se artesãs e habilidosas vendedoras, atuando como pioneiras na busca por novos espaços de venda a serem territorializados. Além disso, identificamos entre elas o exercício de liderança, sendo comum encontrá-las representando os seus

grupos em diferentes espaços institucionais, como é o caso de Marta e Sara.

Paralelamente, as atividades domésticas, como o cuidado com os filhos e o preparo dos alimentos, passaram a contar com uma participação mais ativa dos homens, revelando práticas de complementaridade e solidariedade entre os casais. É possível que essa reorganização dos papéis de gênero seja uma resposta estratégica às dinâmicas urbanas e comerciais, em que as mulheres, pela sua capacidade de negociação e de sensibilizar os “outros”, destacaram-se na venda de produtos nas ruas e espaços públicos.

O senhor Raúl reafirmou que o grupo deixaria o abrigo definitivamente. Segundo ele, havia a possibilidade de realocação para um novo espaço próximo a comunidades não indígenas, o que considerava uma má escolha, tanto pelas atitudes dos Warao quanto pela convivência com os não indígenas. Para o senhor Raúl, o melhor caminho seria buscar alternativas autônomas para os filhos pequenos, que, conforme relatado por ele, já demonstravam melhorias físicas poucos dias após a chegada ao acampamento. A Figura 8 apresenta parte das crianças E'ñepá no *Campamento*.

Nos itinerários realizados, as tensões vividas pelo grupo E'ñepá emergiam de forma orgânica: de um lado, a imposição de normas e a ausência de escuta às formas próprias de organização social; de outro, o desejo de criar os seus filhos com dignidade, respeitando os seus modos de vida e os seus vínculos comunitários.

Nesse cenário, vive-se a experiência cotidiana. Cada vivência constitui um aprendizado, que Tim Ingold (2015) descreve como fios de vida entrelaçados em uma malha em constante movimento, não pontos fixos, mas linhas que se cruzam e se reconfiguram. A percepção do território e as reconfigurações identitárias dos E'ñepá emergem justamente nesses percursos, guiados pela memória coletiva e pela experiência sensível.



**Figura 9** - Crianças *E'ñepá* no Acampamento.  
Fonte: Fotografia de José Belisário (2021).

Ao concluir o seu itinerário, Marta destacou que, durante as quase duas semanas em que permaneceram no abrigo, os seus filhos, Renato e Wamor, recusaram-se a consumir a comida oferecida em marmitas, diferentemente do que ocorria quando estavam no acampamento.

A experiência em Lethem, na Guiana, surge como um contraponto: ali, Marta aponta uma maior liberdade para produzir e vender os seus artesanatos. Embora também marcado por condições precárias, o acampamento permite ao grupo estabelecer relações mais autônomas e vivenciar um cotidiano mais alinhado aos seus modos de vida. A coleta de sementes, o preparo dos

alimentos e o controle sobre os horários e deslocamentos para a venda representam mais do que práticas de subsistência: constituem-se como expressões de resistência e de reterritorialização.

Assim, os itinerários não representam apenas deslocamentos geográficos, mas processos de subjetivação coletiva. Cada mapa traçado, cada fotografia tirada e cada pausa na caminhada é uma forma de narrar, construir e disputar os significados do território. Ao se engajar nesse exercício, Marta e a sua unidade de grupo fogão, não apenas relatam a trajetória deles, mas também forjam espaços de resistência à invisibilidade imposta aos povos indígenas em mobilidade.

## Conclusões

A trajetória dos E'ñepá, de Caruto, especialmente pela experiência de Marta Paredes, evidencia que os deslocamentos vivenciados pelo grupo não são apenas respostas à crise atual na Venezuela, mas estratégias complexas de resistência, reconfiguração identitária e construção de novas territorialidades há mais de quatro décadas.

Nesse sentido, a metodologia dos itinerários permitiu acessar aos conhecimentos situados e modos de habitar o mundo e resultam dessas experiências de vida em deslocamento, revelando como corpo, território e memória se entrelaçam nas práticas cotidianas.

O acampamento em Lethem, ainda que precário, aparece como alternativa concreta diante do controle e a coerção imposto pelos abrigos institucionais. Ali, o grupo encontra maior autonomia para produzir, circular e sustentar-se com dignidade, fora das normas que restringem sua organização social tradicional. Neste mesmo cenário, as mulheres se reconfiguram como protagonistas desse processo, liderando deslocamentos e estratégias de subsistência, enquanto a memória coletiva sustenta as decisões sobre onde e como viver.



Os itinerários percorridos não apenas revelam os desafios enfrentados pelos E'ñepá, mas também suas formas de resistência diante das imposições do sistema de acolhimento. Cada trajeto registrado reflete escolhas ativas diante das limitações vividas, em que o movimento deixa de ser apenas uma consequência da exclusão, para tornar-se uma estratégia de afirmação identitária e territorial.

Finalmente, caminhar com eles foi, acima de tudo, reconhecer que as suas rotas não são fugas, mas caminhos tecidos com os fios da vida, entrelaçando passado, presente e futuro na busca por autonomia, dignidade e formas próprias de existir e resistir em contextos de mobilidade forçada.

#### Notas:

<sup>1</sup> Nós chegamos primeiro, pouco a pouco, desde a Ciudad Bolívar até El Callao, de Caicara para Bolívar, e ficamos em Bolívar por um tempo. Começamos a fazer nosso artesanato, chegamos a El Callao e os outros E'ñepá também começaram a viajar para lá, voltando apenas depois de venderem todo o seu artesanato, como flechas e colares. Outros E'ñepá também chegaram, viajaram para Santa Elena e descobriram que ali também era possível vender artesanato. Os E'ñepá não sabiam que isso era possível naquele lugar. Depois, minha mãe começou a viajar para Santa Elena. Antes, ela não conhecia Santa Elena, mas começou a levar as suas coisas, vender os seus colares e a dormir por três dias lá, em Santa Elena, procurando um lugar para dormir, pagando hospedagem em hotel (Tradução nossa).

<sup>2</sup> Sara Gando e Alberto Conejero são dois indígenas E'ñepá que participaram da pesquisa de forma direta, pelos relatos das suas histórias de Vida. Sara Gando faleceu no ano 2023, vítima de uma doença a qual os seus familiares não sabem informar. Alberto Conejero foi professor de Ensino Fundamental e ainda mora no Abrigo Jardim Floresta. As suas histórias convergem com os relatos expressos na experiência dos itinerários da Marta Paredes.

<sup>3</sup> A minha mãe chegou ao terminal e dormiu lá por um dia antes de retornar à Venezuela, depois de vender todo o seu artesanato. Assim, os outros E'ñepá começaram a ouvir que era possível vender artesanato e começaram a viajar. Venderam suas coisas; chegaram cinco pessoas a Boa Vista, trazendo os seus artesanatos, flechas, colares, bambu, entre outros itens – trouxeram também orquídeas. Os brasileiros viram que eles eram indígenas e, ao

perceberem que se tratava de artesanato indígena, começaram a comprar (Tradução nossa).

<sup>4</sup> Eles retornaram à Venezuela e, ao perceberem que a situação continuava a mesma, voltaram para o Brasil e, depois disso, começaram a vir com mais frequência. Todos os E'ñepá providenciaram a sua documentação. Os E'ñepá chegam ao terminal daqui e a polícia lhes pergunta: 'Quem são vocês?' e eles respondem que são indígenas E'ñepá. Perguntam então: 'Como chegaram até aqui?' e eles explicam que vieram por causa da situação do país, pois na Venezuela, a situação não estava boa. Sim, eles vêm para cá com as suas permissões e documentos, para poderem circular sem problemas (Tradução nossa).

<sup>5</sup> Começaram a construir o abrigo em 2018 e daí os levaram do terminal para o abrigo de Pintolândia a todos e lá os brasileiros decidiram tirar os crioulos do abrigo para colocar todos os E'ñepá que estavam no terminal; os crioulos foram levados para outro lugar. Depois começaram a chegar os meus familiares ao abrigo também. Primeiro, chegaram os meus pais e outros familiares, eu cheguei em 2018 ao abrigo de Pintolândia. (Tradução nossa).

<sup>6</sup> A palavra “criollo” é um termo utilizado na Venezuela para referir-se ao não-indígena. Portanto, neste estudo, o termo vai ser entendido como “não-indígena” e com tal sentido é traduzido.

<sup>7</sup> Muitos indígenas E'ñepá, Warao e crioulos vieram da Venezuela diretamente para Ka Ubanoko. Fizeram festas, e nós também participamos dessas festas. Nós não queríamos ir para o abrigo, queríamos ficar em Ka Ubanoko, porque tínhamos mais liberdade, lá havia pés de manga, tínhamos terra, queríamos estar juntos. Lá nós conhecemos instituições que também começaram a nos visitar (Tradução nossa).

<sup>8</sup> De Ka Ubanoko nos levaram para o Abrigo Jardim Floresta e vimos que a situação no abrigo não era a mesma. Os E'ñepá chegamos a Rorainópolis, mas o terreno onde ficamos já tinha dono, e nos tiraram de lá, então tivemos que voltar todos de novo para o abrigo; ficamos cinco meses em Rorainópolis e depois retornamos ao Abrigo Jardim Floresta. Quando saímos de Rorainópolis, pensamos em seguir em busca de melhoria e foi aí que decidimos vir para Lethem, para procurar o nosso próprio espaço. Eu ouvi dizer que a situação no abrigo já não era igual, que iriam transferir as pessoas para o abrigo em Ptrig, mas também ouvi que lá não é um bom ambiente para os E'ñepá, porque há muitos “malandros”, que mexem com as mulheres e onde já desapareceram crianças. Se nos levarem para lá, podem nos fazer coisas ruins, podem roubar nossos filhos e os E'ñepá não vão ter uma vida boa naquele lugar, só problemas. Por isso é que eu prefiro ficar em Lethem (Tradução nossa).

<sup>9</sup> A situação no Brasil também começou a mudar; já não há tantas vendas como antes. As crianças não estudam direito; veem coisas ruins dentro do abrigo – problemas, brigas e discussões – e elas presenciam tudo isso. Por isso, saímos para Rorainópolis e para Lethem, em busca de uma vida melhor. Os meus pais se preocupam muito; eles me perguntam: “O que você vai fazer

se a gente morrer? Onde você vai morar com seus filhos?”. Por isso, estou procurando um lugar, antes que isso aconteça. Os meus pais não querem voltar para a Venezuela, porque a terra em Caruto já não é boa para plantar, não se colhe mais nada lá, a terra não serve mais, não há mais caça, nem pesca, já não há mais nada (Tradução nossa).

<sup>10</sup> Nós saímos do abrigo Jardim Floresta pela mesma situação, porque as crianças já não podiam viver bem. Nós saímos por causa das crianças, porque o espaço era muito pequeno, não tinham onde brincar, se divertir e se distrair. Minha mãe sempre me pede para conseguir um lugar, por isso, quero falar com uma instituição para que nos ajude a conseguir terreno para os E’ñepá, para os nossos filhos, para estarmos bem. Somos muitos, em Ka Ubanoko, éramos 170 E’ñepá. Eu tenho filhos e outros estão nascendo e não temos um terreno próprio onde viver e que nossos filhos cresçam (Tradução nossa).

<sup>11</sup> Estamos vendo os abrigos e não têm espaço para um futuro de família. Nós saímos dos abrigos para vender e não, não se consegue muito. O que digo, senão, que os abrigos são para esperar? Para mim, para mim, não gosto disso. Como vou eu fazer para o futuro das crianças? E por isso nós queremos sair agora, para que não se perca o ensinamento disso, o do passado, da cultura. Os abrigos não têm espaço para isso (Tradução nossa).

## Referências:

- ACNUR; Agência da ONU para Refugiados. **Indígenas venezuelanos no Brasil já somam mais de 7 mil pessoas, sendo a maioria Warao**. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/indigenas-venezuelanos-no-brasil-ja-somam-mais-de-7-mil-pessoas-sendo>. Acesso em: 29 dez. 2025.
- ACNUR. **Anatomía de un campo de refugiados: atención y necesidad**. [s.l.]: ACNUR, 2018?. Disponível em: [https://www.juntadeandalucia.es/averroes/centros-tic/21700447/helvia/sitio/upload/ACN\\_ebook\\_anatomia\\_campo\\_refugiados.pdf](https://www.juntadeandalucia.es/averroes/centros-tic/21700447/helvia/sitio/upload/ACN_ebook_anatomia_campo_refugiados.pdf). Acesso em: 27 jul. 2022.
- BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras** – La organización social de las diferencias culturales. Tradução de Sergio Lugo. México DF: Fondo de cultura económica, 1976.
- BRICEÑO, Marielys, REPETTO, Maxim, OLIVEIRA, Márcia. Mobilização Social dos Indígenas De Ka Ubanoko contra a realocação nos Abrigos da Operação Acolhida, Boa Vista - Roraima. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 4, p. 13604-13626, dez. 2024a.
- BRICEÑO, Marielys, REPETTO, Maxim, OLIVEIRA, Márcia. Mapas Culturais da vida em mobilidade do grupo de indígenas E’ñepá de Caruto: análises da relação entre espaços representados e narrativas de vida de um deslocamento perpetuado no tempo. **Revista Monções**, Dourados-MS, v. 13, n. 25, p. 82-107, nov. 2024b.

- BRICEÑO, Marielys. **O deslocamento internacional de indígenas venezuelanos E'ñepá e os processos de reconfiguração espacial, territorial e identitária.** Orientador: Maxim Repetto. 2022. 2017 f. Mestrado (Dissertação em Sociedades e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GASCHÉ, Jorge. ¿Qué valores sociales bosquesinos enseñar en las escuelas de la Amazonía rural? **Revista\_ ISEES**, Chile, v. 10, p. 17-40, ene/jun. 2012.
- GREEN, Nancy L. **Trans-frontieres: Pour une analyse des lieux de passage.** Socio- anthropologie, Paris, v. 6, p. 15-29, 1999, **Publicado online: jan. 2003.** Disponível em: <http://journals.openedition.org/socio-anthropologie/110>. Acesso em: 11 set. 2022.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HENLEY, Paul. Los E'ñepá (Panare). In: PERERA, Miguel (ed.). **Los aborígenes de Venezuela.** 2. ed. Caracas, VE: Total, 2011. v. 2
- INGOLD, Tim. **Estar vivos ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MATTEI-MULLER, Marie. Notas sobre su situación presente y actualización Bibliográfica. In: PERERA, Miguel (ed.). **Los aborígenes de Venezuela.** Caracas, VE: Total, 2011. v. 2
- MOREIRA, Elaine. Os Warao no Brasil em Cenas: “O estrangeiro...”. **PÉ-RIPLOS - GT CLACSO - Fronteiras internacionais e migração indígena na América do Sul**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 56-68, dez. 2018.
- PETITEAU, Jean-Yves. La méthode des itinéraires ou la mémoire involontaire. In: Colloque Habiter dans sa Poétique Première, n., 2006, Cerisy-La-Salle. **Anais [...].** Cerisy-La-Salle: Editora, 2006. Disponível em: [https://shs.hal.science/halshs-00380133/file/2006\\_JY\\_P\\_COL\\_MethodeltinerairesMemoireInvolontaire.pdf](https://shs.hal.science/halshs-00380133/file/2006_JY_P_COL_MethodeltinerairesMemoireInvolontaire.pdf). Acesso em: 29 nov. 2025.
- PETITEAU, Jean-Yves. **A experiência dos Itinerários.** [s.l.]: Edição Afrontei-ras Filmes, 2022. 1 vídeo (13 min 34 seg). Disponível em: <https://vimeo.com/683869423/58aa2ed236>. Acesso em: 11 set. 2022.
- REGINENSI, Catherine. A caminhada “impossível” com a artista Panmela Castro: do bairro a cidade relatos e retratos da vida de uma ativista na cidade do Rio de Janeiro, em tempo de pandemia. In: Encontro Anual da ANPOCS-GT01- Arte, Cultura e Ciências Sociais: diferenças, agenciamentos e políticas, 44., 2020, São Paulo. **Anais...** [s.l.]: [s.n.] 2020.
- VILLALÓN, Maria. Los E'ñepá (Panare). In: FREIRE, Germán; TILLET-TY, Aimé (ed.). **Salud indígena en Venezuela.** Caracas, VE: Ediciones de la Dirección Nacional de Salud Indígena, Ministerio del Poder Popular para la Salud, 2007. v. 1. p. 13-73

**The Itinerary Experience of Marta Paredes,  
an E'ñepá Indigenous Woman from Caruto:  
displacements, territorialities, and identity reconfigurations  
across the venezuelan, brazilian, and guyanese amazons**

**Abstract:** This article investigates the forced displacements and the territorial and identity reconfiguration of the E'ñepá indigenous people of Caruto, analyzing their trajectories across Venezuela, Brazil, and the Cooperative Republic of Guyana. The research adopts the method of the experience of itineraries (Petiteau 2006), adapted to the context of cross-border indigenous mobility, and focuses on the practices of walking, speaking, and listening as means of producing situated knowledge. Through the account of Marta Paredes, an E'ñepá indigenous woman, and the data produced during the Ethno-mapping Workshop, the article highlights the tensions experienced by the group in institutional shelters and the territorial and identity resistance strategies developed along their journeys. By bringing together collective memory, embodied experience, and territory, the article proposes to understand E'ñepá displacement as a continuous weaving of resistance – intertwining past, present, and future in the pursuit of autonomy, dignity, and culturally grounded ways of existence in contexts of forced mobility.

**Keywords:** International Indigenous Displacement. Territoriality. Identity. E'ñepá Indigenous People. Itinerary Experience.

Recebido: 26.01.2025

Aprovado: 17.11.2025